



O DESAPEGO AO PASSADO EXISTENTE EM ANÁPOLIS-GO

Ana Caroline Caixeta Silva (PG)¹

anacaroline.arqurb@gmail.com

Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Av. Juscelino Kubitschek, nº 146 –
Jundiá, Anápolis – Goiás

Resumo: O presente trabalho visa ressaltar que nas cidades ações e transformações pautadas no discurso do progresso e do novo muitas vezes se colocam como um perigo a valorização do passado e a memória coletiva. Nesse sentido, a discussão se centrará em Anápolis, cidade goiana, que mesmo relativamente jovem já possui uma paisagem bastante alterada e apresenta pouco reconhecimento da importância de preservação da história que se encontra materializada no espaço urbano. Para tanto, alguns aspectos patrimoniais, a necessidade de valorização e reconhecimento dos marcos históricos, a transformação constante da paisagem urbana que apaga vestígios do passado e impossibilita a criação de vínculos e fortalecimento da identidade local e, principalmente, a tradição do novo arraigada a cultura de renovação constante serão trabalhados aqui. A análise terá como ponto de partida fotografias, reportagens de jornais e audiovisual que servirão de base para a compreensão dessa dinâmica de renovação constante e para confirmar ou não se ela sempre esteve presente na cidade. A intenção não é propriamente narrar ou discutir o processo de desenvolvimento e progresso de Anápolis, mas a maneira como ele afetou e afeta a memória coletiva e a valorização do passado.

Palavras-chave: Preservação, Patrimônio, Progresso, Estação Ferroviária, Anápolis.

Introdução

Quando se fala sobre a história das cidades e a necessidade de sua valorização para a consolidação de uma memória coletiva e para a permanência de bens de interesse cultural, é muito comum surgirem indagações como “qual a importância disso”, “por que a preocupação com o passado quando os problemas atuais parecem mais urgentes e importantes”, ou, “o que acontecimentos tão distantes têm a ver com a nossa vida hoje”. Questionamentos como esses refletem o desprezo e o desconhecimento de parte da sociedade contemporânea com o passado e com tudo aquilo que representa o vínculo entre o ontem e o hoje, além da perda de referências históricas.

É a partir da necessidade incessante de progresso e modernização que as cidades se entregam a transformações, onde a preocupação em preservar as marcas do passado é pequena, e a velocidade com que se destroem, constroem e abandonam vestígios importantes passa a ser cada vez mais rápida. Essa destruição do passado, ou melhor, dos mecanismos que nos vinculam as gerações passadas, parece reger uma vida que se dá em um presente contínuo.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) e Pós-Graduanda em Gestão Pública, ambos pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Formada em Arquitetura e Urbanismo pela UEG.



Anápolis é uma representante dessa situação de renovação constante e desapego. Cidade cuja história está impregnada pelo mito fundador em torno da devoção de Sant'Ana e pelo desenvolvimento beneficiado pela localização estratégica no espaço regional goiano, mesmo relativamente nova já possui uma paisagem urbana marcada por amplas e profundas transformações, em grande medida subordinadas aos interesses dos agentes hegemônicos. Essas transformações fazem com que a cidade adquira novos contornos e conviva também com a renovação de contextos sociais, culturais, políticos e econômicos que muitas vezes colaboram para o enfraquecimento dos laços com a memória histórica e com a identidade da sociedade local.

Anápolis possui uma grande importância na dinâmica regional, esta que foi, segundo Cunha (2009), beneficiada pelas mudanças econômicas estaduais e nacionais, o que impactou no seu espaço intraurbano, provocando um amplo processo de resignificação urbana. Considerando o curto período onde tantas transformações aconteceram, vale questionar como a preservação do patrimônio cultural, entendida como uma prática social importante e primordial (ARANTES NETO, 2000) foi assumida nesse processo.

Importante sinalizar que a valorização e preservação do passado e da memória coletiva não se refere somente ao patrimônio material – os edifícios, as obras de arte –, mas também ao imaterial – a cultura, a carga simbólica e o valor dos elementos – tornando-se cada vez mais necessárias para se compreender o “hoje como uma evolução de tudo o que até agora a humanidade presenciou” (COELHO e VALVA, 2001, p. 77).

Pensando nessa memória coletiva e no acervo histórico das cidades, vemos que o centro² é a área onde se encontra a maior parte dos bens considerados como patrimônio histórico, mas que estão em constante processo de degradação, já que também essa é uma área pouco valorizada nas cidades. O centro das cidades hoje, numa visão de Castilho e Vargas (2015), possui formas e atividades que compõe a representação da cidade. Além de carregarem características centrais da vida urbana, comporta espaços que podem potencializar

² A noção de Centro como lugar de maior dinamicidade da vida urbana, numa visão de Castilho e Vargas (2015), tem se diluído à medida que a área urbana se expande, surgindo uma rede de subcentros que concorrem com o centro principal, acelerando a sua degradação. A cidade passa a contar então com centro histórico, tradicional ou pioneiro, de negócios, de mercado, entre outros. Nesse sentido, utilizaremos o termo Centro Pioneiro para tratar do núcleo onde a cidade de Anápolis se originou e se desenvolveu nos primeiros anos de sua existência



a sociabilidade. Porém, com a intensificação da expansão urbana, seja ela planejada ou não, essa noção começa a se diluir e hoje os centros perdem a multifuncionalidade (passam a se dedicar basicamente a atividades comerciais e de serviços), comerciantes informais se estabelecem, a dimensão política se enfraquece, passa a ter “vida” apenas em certos horários, as edificações históricas começam a dar lugar aos estacionamentos ou se perdem em meio a paisagem tomada pelos letreiros, entre outros. Anápolis não fica fora desse contexto. Com uma forte tradição do novo que se arraiga, e a evidente disseminação de uma cultura de renovação constante e desapego, a materialidade da sua histórica vem se transformando incessantemente, principalmente na área mais central.

Vítima do capital e do desapego com a história, o Centro Pioneiro de Anápolis resiste em alguns pontos e revela ainda lugares de memória, representantes de diferentes momentos de sua história, grande parte escondidos atrás dos letreiros do comércio, ou escondidos na paisagem urbana heterogênea. Entre os remanescentes podemos notar edifícios com referência à arquitetura tradicional goiana, exemplares ecléticos, *Art Decó*, filiações à arquitetura moderna, além de galpões industriais construídos entre as décadas de 1930 a 1960. E ao se falar em patrimônio histórico reconhecido de fato, que conta com a instituição da lei do tombamento, Anápolis possui apenas 10 bens tombados³.

Porém esses diversos elementos históricos perdem o caráter pedagógico por não serem percebidos através de seu significado histórico, levando à desmaterialização de seus signos e a perda de importância frente à memória coletiva. Edificações históricas escondidas atrás dos letreiros dos comércios ou simplesmente abandonadas demonstram a falta de valorização.

Exemplo dessa desvalorização é a Estação Ferroviária de Anápolis, hoje intitulada Estação Ferroviária Prefeito José Fernandes Valente, inaugurada em 1934 e tombada em 1991, que se encontrava decadente e que por anos ficou sufocada em meio ao terminal de ônibus da cidade. Mas, após brigas de poder, contradições, embates políticos e econômicos que caracterizaram a luta em defesa da Estação, esta foi redescoberta e reconquistada, ressurgindo na paisagem Anapolina nos

³ (1) o Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, (2) o edifício que hoje funciona a Diretoria de Cultura, local onde foi a Prefeitura e o Fórum de Anápolis – localizado na Praça Bom Jesus –, (3) a Estação Ferroviária Prefeito José Fernandes Valente, (4) o prédio da Escola de Artes Osvaldo Verano, (5) a Escola Estadual Antônia Santana, (6) o prédio do Colégio Couto Magalhães, (7) o Mercado Municipal, (8) a Casa JK, (9) a Fonte Luminosa da Praça Bom Jesus e (10) o Coreto da Praça James Fanstone – a maioria situados no Centro Pioneiro da cidade



últimos dois anos depois da restauração do edifício em 2016, que contou com a demolição de parte do terminal rodoviário, como uma tentativa de preservação de um passado de extrema importância para a cidade.

Dessa maneira, discutir questões relacionados a Anápolis, mais especificamente a Estação Ferroviária, ponto de destaque em sua paisagem urbana, não se justifica apenas pelas disputas e debates ocorridos recentemente e que ainda estão em curso acerca da sua restauração e desocupação do entorno, mas também pelo fato de ser um marco para o município, advento da modernidade e símbolo daquilo que contribuiu, em grande parcela, para o seu crescimento e desenvolvimento, visto que a linha férrea no Estado de Goiás, segundo Silva (2010), foi responsável por despertar o Estado de uma era de isolamento onde o avanço das frentes pioneiras representou, também, para alguns, o deslocamento do progresso. Hoje, lugar de memória, capaz de reavivar a história da cidade e a identidade local, funcionando como negociadora entre o passado e o presente e produtora de memória, renova laços com aqueles que vivenciaram o momento de sua chegada e cria outros com a população jovem que não esteve presente, mas que ainda hoje convive com resultados desse momento histórico.

Portanto, é perante esse espaço urbano que está em constante processo de ressignificação e passa por tantas deturpações que esse trabalho se desenvolveu. Arantes Neto (2000) reforça o quanto é importante atentar para a formação e os componentes, além dos significados, que a paisagem urbana carrega, e explorar os processos que constituem os marcos, os lugares e os cenários da memória social e os significados que esses espaços edificados têm sustentado ao longo do tempo e como são vistos pelos habitantes, já que eles carregam marcas e se portam como representantes de épocas, fatos e transformações.

Material e Métodos

Para além da pesquisa bibliográfica, a realização dessa pesquisa se deu a partir da análise de fotografias, reportagens de jornais e audiovisual que serviram de base para se compreender a dinâmica de renovação constante em Anápolis e se ela sempre esteve presente na cidade. A escolha desse tipo de material para pautar a discussão se baseia na ideia de que eles têm um importante papel pedagógico, são produzidos para serem recebidos pela “massa” e representam um vínculo físico entre o hoje e o ontem, com grande potencial evocativo, além de trazerem ao alcance da visão o que está distante, consolidando uma imagem que se transporta



no tempo, essas características revelam a importância deles em mobilizar e atingir grande quantidade de pessoas, e a partir da percepção de quem o idealiza conseguir influenciar o público alvo. Ao longo do trabalho dois vídeos ganharão destaque, o primeiro é um vídeo em homenagem aos 60 anos de Anápolis, com direção de José Petrilho – Anápolis sessentão 1907-1967 – e o segundo foi realizado em comemoração aos 110 anos – Anápolis 110 anos, a partir dos quais a relação da sociedade Anapolina com a história da cidade poderá ser analisada. A partir desses materiais tem-se a intenção de observar como o processo de desenvolvimento e progresso de Anápolis afetou e afeta a memória coletiva e a valorização do passado.

Resultados e Discussão

Observar os marcos de memória, em especial a Estação Ferroviária, e os significados que a paisagem urbana de Anápolis carrega, nos leva a pensar sobre essa cultura do desapego que se faz constante na sociedade contemporânea. E partindo da ideia de que novos dispositivos que permitem a transmissão do conhecimento, da história e do vivido vão surgindo e de que um documento não precisa ser necessariamente escrito, que optamos neste trabalho por não narrar acontecimentos relativos à estrada de ferro e sua importância para Anápolis, temática já amplamente investigada pela historiografia e amparada pela documentação escrita, mas observar através de jornais, fotografias e audiovisual se essa dinâmica de renovação constante sempre esteve presente ou se é característica da contemporaneidade. Nessa investigação, trazer imagens fotográficas, reportagens de jornais e audiovisual para o campo dos estudos sobre Anápolis oferece ao debate a dimensão visual e do discurso, noção que se baseia na ideia de que essas fontes podem se constituir em documentos capazes de produzir conhecimento e em recurso pedagógico para a formação da consciência histórica.

Buscando informações em jornais, fotografias e audiovisual notamos que a dinâmica de renovação constante já estava presente em Anápolis há tempos atrás. De fato, podemos observar no discurso desses meios de comunicação, uma importância maior com o que era atual e, principalmente, com o futuro, e nenhuma referência às raízes do passado.

REALIZAÇÃO

Prova disso é dada destacando dois vídeos, o primeiro referente ao aniversário de 60 anos de Anápolis – “Anápolis sessentão 1907-1967”⁴ – e o segundo ao de 110 anos – “Anápolis 110 anos”⁵. Em ambos há a caracterização da cidade como lugar próspero e promissor, mas em nenhum deles nota-se referência ao contexto e a acontecimentos passados que marcaram e contribuíram para o desenvolvimento de Anápolis, como a chegada dos trilhos e a construção de Goiânia e Brasília, por exemplo. Nesse sentido, observa-se uma imagem de cidade que cresceu, se desenvolveu, prosperou e, ainda, que visualizava e visualiza maiores possibilidades de progresso apenas pelas suas características próprias como a qualidade da terra, o povo trabalhador, a mão-de-obra qualificada, a agropecuária, entre outros apontados em “Anápolis sessentão”; acrescidos da localização privilegiada do DAIA (Distrito Agroindustrial de Anápolis), da Base Aérea, dos parques urbanos, entre outros equipamentos, destacados por “Anápolis 110 anos”. Talvez essa busca por progresso, ou a tentativa de se fazer e se manter moderna que tenha nos levado a esse contexto.

Mas, assim como afirma Penafria (2009), o cinema não deve ser interpretado apenas no seu conteúdo (história contada, diálogos), mas deve ter em conta os seus aspectos formais, tratando-se de uma atividade que exige uma observação rigorosa, atenta e detalhada. Nesse sentido, ao se analisar os vídeos aqui citados, notamos que “Anápolis sessentão” se aproxima dos aspectos formais de um documentário, com a utilização de imagens de época e voz off; estruturado de maneira não linear.



Figura 1: Edifícios demonstrando que a cidade tão jovem já se tornou metrópole do estado (Anápolis sessentão 1907-1967, 00:00:41). **Figura 2:** Terra fértil e promissora, processo de colheita mecanizado (00:01:23). **Figura 3:** Agropecuária como base da prosperidade do município (00:01:41). **Figura 4:** Solenidades cívico-sociais em homenagem ao sexagenário de Anápolis (Anápolis sessentão 1907-1967, 00:00:10).

⁴ Anápolis sessentão 1907-1967 é um vídeo comemorativo em homenagem aos 60 anos de Anápolis. Com duração de 09:58min, contou com a direção de José Petrilho, locução de Alberto Curi, redação de Sérvulo de Mello e foi produzido por Truka Cinema Arte e Propaganda.

⁵ Anápolis 110 anos é um pequeno vídeo com apenas 59 segundos realizado pela Skyline Imagens e Produções em comemoração e como homenagem ao aniversário de 110 anos da cidade.

Já em “Anápolis 110 anos”, utiliza-se apresentações de cenas aéreas de pontos estratégicos da cidade e também o artifício da voz off, mas nesse caso não há uma sequência de imagens narrativas.

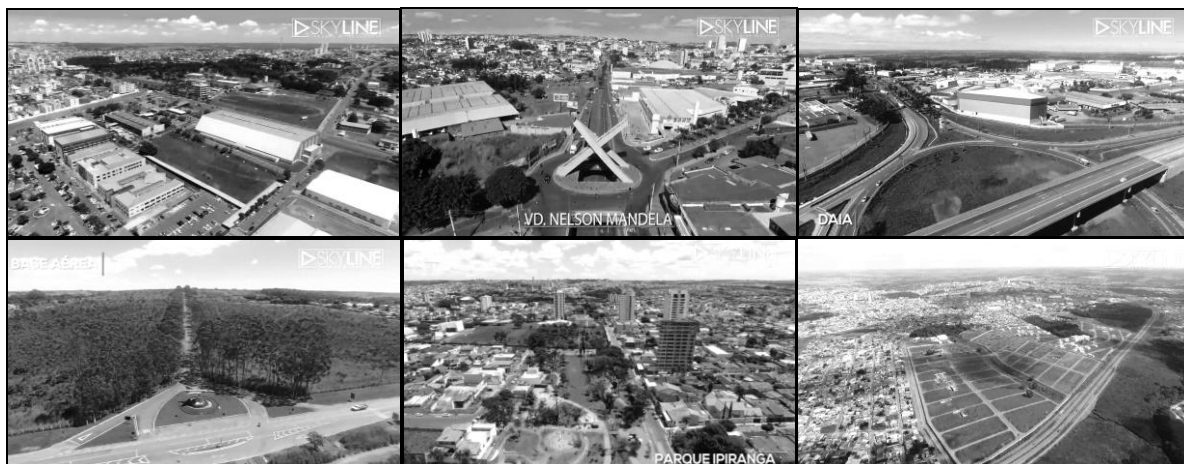


Figura 5: Faculdade UniEvangélica (Anápolis 110 anos, 00:00:05). **Figura 6:** Viaduto Nelson Mandela (00:05:16). **Figura 7:** DAIA (00:00:19). **Figura 8:** Base Aérea (00:00:20). **Figura 9:** Parque Ipiranga (00:00:23). **Figura 10:** Cidade em crescimento (00:09:39).

A análise desses audiovisuais permite observar a valorização e o destaque do que Anápolis é no momento de suas produções. Em nenhum deles nota-se qualquer referência a fatores impulsionadores desse progresso apontado nos discursos. Mesmo sendo de épocas diferentes, com 50 anos separando as produções, é notório que a linguagem se mantém fixada na ideia de que a cidade é promissora e chegou onde chegou por força de suas qualidades junto ao povo trabalhador, independente dos fatores regionais e do contexto em que se insere. Exemplo dessa semelhança de discurso apresentado por ambos está na ideia de que Anápolis com apenas 60 anos já tinha se tornado uma metrópole goiana, e continuava a crescer, como aponta “Anápolis sessentão 1907-1967” com a comprovação através das imagens das novas e grandes construções, e aos 110 anos ainda está se desenvolvendo e em contínuo crescimento, como mostrado pela imagem dos novos loteamentos em “Anápolis 110 anos”.

Seguindo nessa intenção de entender se essa dinâmica de renovação constante sempre esteve presente em Anápolis, é que consideramos aqui as contribuições de registros fotográficos como mais uma possibilidade de observar os acontecimentos e de certa maneira, a postura da população frente a eles, visto que “as fotografias podem ser analisadas como imagens que apresentam um imenso potencial de investigação para a história, principalmente por permitirem o contato

com uma realidade passada” (POSSAMAI, 2005, p. 32). E, ao observar a cidade de Anápolis através da iconografia em dois momentos marcantes de sua história – a chegada e a retirada dos trilhos –, notamos semelhanças de postura, onde a tradição do novo arraigada ao desapego à história e sua materialidade se justifica pela busca do progresso e desenvolvimento.

A análise fotográfica nos aponta essa intrigante postura Anapolina, uma sociedade que se reuniu em festa para a chegada dos trilhos e em cerca de 40 anos depois já se reunia novamente em festa para a retirada dos mesmos. Com o apoio da fotografia que se porta como “um fragmento congelado no tempo que pretende tornar a realidade inteligível” (POSSAMAI, 2005, p. 141), podemos observar essa prática do faz e desfaz ou constrói e destrói se fazendo presente desde os primórdios da cidade de Anápolis.

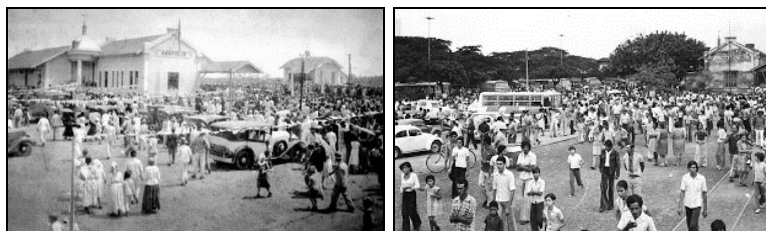


Figura 11: Comemoração pela chegada da Ferrovia em Anápolis 1935. Fonte: Acervo Museu Histórico de Anápolis. **Figura 12:** Comemoração pela retirada dos trilhos do Centro de Anápolis. Fonte: Acervo Museu Histórico de Anápolis.

As fotografias aqui apresentadas poderiam e podem até causar confusão quanto a compreensão para aqueles que não conhecem ou não fazem a leitura visual acompanhada de uma pesquisa historiográfica. Contraditório pensar que a população, após diversos pedidos e luta, conseguiu que os trilhos fossem retirados e mesmo perdendo um meio transporte importante, tendo que passar a andar de ônibus, com custos mais caros e em estradas de péssima qualidade, festejava.

Nesse contexto, a imprensa era “veículo propagador do discurso político alicerçado na ideia de progresso” (SILVA, 2014, p. 34), sendo que esse discurso se repete como justificativa para os diversos acontecimentos, entre eles a chegada e a retirada dos trilhos. Antes a ideia de que com ferrovia viria “o progresso que tanto necessitamos para o escoamento de nossos produtos” (VOZ DO SUL, 1933 *apud* SILVA, 2014, p. 37); de que foi “o maior impulso que Anápolis recebeu em toda a sua história [...] que chegou trazendo progresso a cidade” (CORREIO DO PLANALTO, 1975); anos depois, o discurso do progresso já a via como um entrave: “a Ferrovia é hoje acusada de estagnar o crescimento de importantes áreas, além de causar

sucessivos acidentes” (CORREIO DO PLANALTO, 1975), “já não está à altura de tranquilizar aquela sua ânsia de progresso” (O ANÁPOLIS, 1950), agora tem-se o “ônibus como veículo moderno que vem aumentar as facilidades de transporte” (O ANÁPOLIS, 1950).



Figura 13: Matéria do jornal Correio do Planalto: “Ferrovia: grande responsável pelo desenvolvimento”, Fonte: Acervo Museu Histórico de Anápolis; **Figura 14:** Matéria do jornal O Anápolis: “Povo pede a transferência da Estação Ferroviária”, Fonte: Acervo Museu Histórico de Anápolis.

Considerações Finais

Após a leitura visual e contextual é possível perceber que a afirmação do novo e do moderno está presente em Anápolis há tempos. A cidade cresce, se refaz, se expande e se edifica sobre ruínas do passado, tendo como palavras de ordem “cidade moderna”, “espírito moderno”, “progresso”, “evolução”... Utilizar a imprensa na tentativa de analisar a postura da sociedade da época se justifica pela riqueza de informações, pela diversidade dos conteúdos e justamente por conter relatos capazes de demonstrar o pensamento da cidade na época.

Diante do pressuposto, talvez essa visão de Anápolis como cidade que faz, que constrói e não a cidade que preserva e se importa com o passado e a sua materialidade, que renova constantemente sua paisagem, com uma ideia errônea de que a preservação ou o ajuste e aperfeiçoamento do que já existe são insatisfatórios para a prosperidade, nos deixando em um ciclo vicioso de desapego seja justificada por esse ideário de progresso presente desde seus primórdios, pela influência do capital, junto a promessas e a esperança de um futuro auspicioso. E mesmo que o tema da preservação já tenha avançado muito e por muitas cidades já sejam usados como ponto de destaque na economia, no turismo e como marketing, ainda que Anápolis tenha dado o pontapé inicial com a luta pela Estação Ferroviária Prefeito José Fernandes Valente, há ainda muito o que mudar e que conscientizar.

Não se pretende criar aqui uma ideia negativa da busca por progresso, mas entender que o desapego total com o passado não é benéfico, pelo contrário, apagar todos os vestígios só nos leva a direção de uma cidade sem identidade, sem história, sem memória coletiva.



Agradecimentos

Durante a realização dessa pesquisa muitas pessoas compartilharam comigo angústias e anseios, para tanto é importante fazer as vezes àqueles que merecem, logo, agradeço a minha família, aos meus amigos e em especial a professora Doutora Milena D'Ayala Valva e ao professor Doutor Ademir Luiz da Silva. Além disso, agradecimentos também a Universidade Estadual de Goiás pela oportunidade.

Referências

ARANTES NETO, Antonio Augusto. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

CASTILHO, Ana Luisa H. de; VARGAS, Heliana Comin. **Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados**. 3 ed. Barueri, SP. Manole, 2015.

COELHO, Gustavo Neiva; VALVA, Milena D'Ayala. **Patrimônio cultural edificado**. Goiânia: Ed. DA UCG, 2001.

CUNHA, Wânia Chagas Faria. **Dinâmica regional e estruturação do espaço intraurbano: um estudo sobre as influências do DAIA na economia anapolina a partir de 1990**. [Manuscrito] Dissertação (Mestrado) apresentada ao Instituto de Estudo Socioambientais. Universidade Federal de Goiás, 2009.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. VI Congresso SOPCOM, Abril de 2009.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos de Porto Alegre - décadas 1920 e 1930**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005.

SILVA, José Fábio. **O progresso como categoria de entendimento histórico: um estudo de caso sobre a modernização da cidade de Anápolis-GO (1930-1957)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de História, da Universidade Federal de Goiás. 2014.

SILVA, Margarida do Amaral. Patrimonialização cultural em Anápolis: Identidade e memória sob telhas e sobre trilhos. In. **Revista Anápolis Digital**. Volume 01, número 01, 2010 – ISSN 2178 – 0722

Audiovisuais

ANÁPOLIS 110 anos. (Anápolis, 2017): Direção: Skyline Imagens e Produções.

ANÁPOLIS sessentão 1907-1967 (Anápolis, 1967). Direção: José Petrilho, locução de Alberto Curi.

Periódicos

O Anápolis, Anápolis, 1950.

Correio do Planalto, Anápolis, 1975.

REALIZAÇÃO